

Como cortar o nó

■ Ressurreição das múmias x ressurreição da esperança



Milton Temer

De um lado, o populismo brizolista. Arcaico. Do outro, o messianismo janista. Insano. Decididamente, tal opção para um segundo turno de eleição presidencial não dignifica o processo político brasileiro. Não é compensação justa para as carreiras promissoras interrompidas; para as separações familiares sofridas; para o número ainda não definido de vidas jovens, idealistas, perdidas no combate pelo restabelecimento das liberdades domésticas, 25 anos depois do golpe que derrubou o governo João Goulart.

E, no entanto, essa perspectiva — ou algo muito próximo — é bastante viável no horizonte eleitoral de 89. Como pudemos chegar a isto? E o que isto tem a ver com o palpável clima de ceticismo e descrença que, indiscutivelmente, se espalha na comunidade intelectual e universitária; nos segmentos assalariados mais esclarecidos; entre os profissionais liberais mais progressistas?

Os que viveram 64, ativamente, lembram bem que o movimento militar contra Goulart se pautou no combate “à corrupção e à subversão”, inerentes a um governo que se constituía em “ameaça à democracia”, na medida em que pretendia “impor, pela força, uma república sindicalista ao País”. Estaria, conseqüentemente, “em risco” a eleição presidencial de 65, o que fez com que representantes os mais significativos da vida parlamentar, reconhecidos por um passado democrático, juntassem sua voz e ação às articulações sobre os segmentos sociais convertidos ao golpe pela intensa campanha de propaganda e desestabilização. Juscelino, aí, é o exemplo referencial.

Mas, menos de um ano depois, já se definia o verdadeiro caráter do movimento pela “defesa da democracia”. O autoritarismo se consolidava num processo de violência crescente, coroado pela edição do famigerado AI-5. Viramos exemplo para o resto do continente, e os golpes que se sucederam no Uruguai, Argentina, Chile e Bolívia só vieram confirmar a existência de uma estratégia maior, e externa, na consolidação dos seguidos pronunciamentos.

Uma estratégia que iniciava a lógica de uma dívida externa gigantesca no benefício de uma parcela mínima da população, e através de uma política econômica que se convencionou batizar — muito justamente — de modernização conservadora. E pior: parcela mínima de uma população que crescia em proporções geométricas — dobrou, nesses quase 25 anos — justamente em função da política que levava o grau de miserabilidade social aos níveis da Etiópia, enquanto no vértice da pirâmide fabricava novos ricos nos parâmetros europeu ou norte-americano. Era preciso muito autoritarismo para resolver esse impasse largamente contabilizado nas estatísticas do IBGE.

Foi nesse quadro de contraste gritante que uma nova rearticulação libertária se impôs. Uma rearticulação que fez com que a luta pela democracia e contra a corrupção tivesse como alvo o regime autoritário vigente. Aí se dá a grande tragédia. Morre Tancredo, e o conjunto de forças democráticas que o apoiava vive o drama da perda, e perde o passo na luta política. Não entende o simbolismo daquela morte: não se dá conta de que a composição que permitia o fim do

regime autoritário — a que impunha a aliança com os setores que a ele pertenceram, mas que dele se separavam por pressentir que não lhes servia mais como forma de manter seus privilégios — não seria a mesma capaz de operar uma transição real para um regime democrático moderno. Um regime onde liberdade e justiça social fossem dados permanentes. Não se dá conta da luta pela hegemonia do poder que os representantes das classes dominantes — por tradição e experiência na matéria — imediatamente começavam a empreender. Contra o movimento social organizado. Contra as forças do progresso e da democracia.

O PMDB, com todas as possibilidades de se afirmar como um partido social-democrata, se degrada entre a síndrome do golpe caso “avançasse além da conta” e os benefícios de ter quadros destacados e médios usufruindo belos salários e status na máquina do Estado. Se acomoda e termina por se transformar em caução política dos restauradores.

Vem o Plano Cruzado — medida saneadora que imediatamente obtém o apoio da esmagadora maioria da Nação que trabalha. Mas uma vez mais a tibieza se impõe: não é na taxa de lucro imoral do capital financeiro especulativo que o governo vai buscar seu financiamento, mas sim na nossa reserva de divisas. Mais uma ajoelhada do PMDB diante de Sarney e os truculentos do PFL, preocupados em não incomodar os bancos e o grande capital. A reserva se esgota e o Plano vai à falência. Balanço final: instalação de uma crise de desesperança, com algumas recuperações durante votações episodicamente vitoriosas no processo constituinte, mas incapazes de modificar as consequências das derrotas nas questões fundamentais — como regime de governo, convocação de diretas ainda para este ano, e na questão agrária levada a parâmetros mais tímidos dos que o do próprio Estatuto da Terra, do governo Castelo Branco.

O PMDB se desmoraliza, na identificação com seus setores mais atrasados e corrompidos, e arrasta os melhores nomes — Mário Covas, democrata combativo, à frente, desguarnecido por um Ulysses vacilante entre seus compromissos e ambições —, além de abalar seriamente a credibilidade das instituições políticas representativas; os partidos, principalmente.

Por aí entra a dupla do passado: Brizola e Jânio. O populismo e o messianismo, vertentes do mesmo tipo de desarticulação social que não mede escrúpulos na busca de alianças para a conquista do poder.

Situação irreversível?

Não obrigatoriamente. Sobre tudo se o setor mais dinâmico do conjunto de forças democráticas — que vai dessa dissidência do PMDB até os “revolucionários de massa” do PT — conseguir superar suas diferenças de forma e se apresentar unido para uma Nação em busca de saídas. Com Lula, Covas e Saturnino (e também Roberto Freyre, do PCB — por que não?) se compoem em torno de um deles, já no primeiro turno, com os outros apoiando ostensivamente, há uma alternativa de poder real.

Uma alternativa que substitua a ressurreição das múmias pela ressurreição da esperança.

Milton Temer é jornalista e deputado estadual pelo PSB/RJ.